

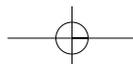


*Diz-me o que comes, dir-te-ei o que és.*

ALGUÉM.

Foi durante a quingentésima sessão anual da Sociedade Gastronómica de Berlim que o Presidente, Herr Prosit, fez aos seus membros o famoso convite. Claro que a sessão era um banquete. À sobremesa gerara-se enorme discussão a respeito da originalidade na arte culinária. A época ia má para todas as artes. Estava em decadência a originalidade. Também na gastronomia havia decadência e fraqueza. Todos os produtos da *cuisine* que se chamavam «novos» eram simples variantes de pratos já conhecidos. Um molho diferente, um modo levemente diferente de condimentar ou temperar — assim se distinguia o prato mais recente do que existia antes dele. Não havia verdadeiras novidades. Havia apenas inovações. Todas estas coisas foram lamentadas durante o banquete em clamor unânime, em variados tons e com diversos graus de veemência.

Embora a discussão tivesse calor e convicção, havia entre nós um homem que, embora não fosse o único homem que estava calado, era todavia o único homem cujo silêncio se fazia notar, pois dele, mais que de todos, seria de esperar que intervisse. Este homem era, evidentemente, Herr Prosit, que presidia à Sociedade e a esta reunião. Herr Prosit foi o único homem que não mostrou interesse pela discussão — a sua atitude não implicava desatenção, mas antes a vontade de manter o silêncio. Sentia-se a falta da au-



toridade da sua voz. Estava pensativo — ele, Prosit; estava calado — ele, Prosit; estava sério — ele, Wilhelm Prosit; presidente da Sociedade Gastronómica.

O silêncio de Herr Prosit foi, para a maioria dos homens, uma coisa estranha. Parecia (passe a comparação) uma tempestade. O silêncio não se coadunava com ele. Estar calado era contra a sua maneira de ser. E, tal como uma tempestade (para manter a comparação), se alguma vez guardava silêncio, este era um descanso e um prelúdio para uma explosão maior que todas. Era esta a opinião a seu respeito.

O Presidente era um homem notável sob muitos aspectos. Era um homem alegre e saudável, mas tudo isto com uma vivacidade anormal, com um comportamento barulhento, que parecia revelar uma disposição permanentemente antinatural. A sua sociabilidade parecia patológica; o seu espírito e as suas piadas, embora não tivessem de modo algum um aspecto forçado, pareciam impelidos de dentro por uma faculdade de espírito que não é a faculdade da graça. O seu amor parecia falso, a sua agitação naturalmente postiça.

Na companhia dos amigos — e tinha muitos — mantinha uma corrente constante de divertimento, todo ele era alegria e riso. Mas é de notar que este homem estranho não revelava nos traços habituais do rosto uma expressão de divertimento ou alegria. Quando deixava de rir, quando se esquecia de sorrir, parecia, pelo contraste que o rosto traía, cair numa seriedade que não era natural, algo irmanada com a dor.

Se isto era devido a uma infelicidade própria do seu carácter, ou a um desgosto da sua vida de outrora, ou a qualquer outro mal do espírito — eu, que assim falo, não o saberia dizer. Aliás, esta contradição do seu carácter, ou, pelo menos, das suas manifestações, só era notada por um observador atento, os outros não a viam, nem havia necessidade de que a vissem.

Tal como de uma noite de tempestades que se seguiram umas às outras com intervalos uma testemunha diz que toda a noite foi uma noite de tempestade, esquecendo as pausas entre os períodos de violência e classificando a noite pela característica que mais a im-

pressionou, do mesmo modo, seguindo uma tendência da humanidade, se dizia que Prosit era um homem alegre, porque o que nele mais chamava a atenção era o barulho que fazia ao manifestar a sua boa disposição, o estrépito da sua alegria. Na tempestade, a testemunha esquece o profundo silêncio das pausas. Neste homem esquecíamos facilmente, perante o seu riso selvagem, o silêncio triste, o peso soturno dos intervalos da sua natureza social.

O rosto do Presidente, repito, possuía também e traía esta contradição. Faltava animação àquele rosto que ria. O seu perpétuo sorriso parecia a careta grotesca daqueles em cujo rosto bate o sol; *nesses*, a contracção natural dos músculos perante uma luz forte; *neste*, como expressão perpétua, extremamente antinatural e grotesca.

Dizia-se (entre quem sabia como ele era) que enveredava por uma vida animada para fugir a uma espécie de doença de nervos ou, quando muito, morbidez de família, pois era filho de um epiléptico e tivera como antepassados, para já não mencionar muitos ultra-extravagantes, vários neuróticos inconfundíveis. Talvez ele próprio fosse doente dos nervos. Mas disto não falo com qualquer certeza.

O que posso apresentar como verdade indubitável é que Prosit fora trazido para a sociedade de que estou a falar por um jovem oficial, também meu amigo e um tipo divertido, que o descobrira algures, tendo achado imensa graça a algumas das suas partidas.

Esta sociedade — aquela em que Prosit se movia — era, para dizer a verdade, uma daquelas dúbias sociedades marginais, que não são invulgares, formadas por elementos de classes elevadas e baixas numa síntese curiosa, comparável a uma transformação química, pois têm muitas vezes um carácter novo, próprio, diferente do dos seus elementos. Esta era uma sociedade cujas *artes* — têm que chamar-se *artes* — eram comer, beber e amar. Era artística, sem dúvida. Era grosseira, ainda com menos dúvida. E reunia estas coisas sem desarmonia.

Deste grupo de pessoas, socialmente inúteis, humanamente em deterioração, era Prosit o chefe, porque era o mais grosseiro de todos. É óbvio que não posso entrar na psicologia, simples mas in-

trincada, deste caso. Não posso explicar aqui a razão que levava a escolher o chefe desta sociedade entre a sua camada inferior. Através de toda a literatura, muita subtilidade, muita intuição se dispenderam em casos deste género. São manifestamente patológicos. Poe deu aos complexos sentimentos que os inspiram, pensando que se reduzem a um só, o nome geral de *perversidade*. Mas estou a relatar este caso e não mais. O elemento feminino da sociedade provinha, falando em termos convencionais, de baixo, o elemento masculino de cima. O pilar desta combinação, o hífen deste composto — ou melhor, o agente catalisador desta transformação química era o meu amigo Prosit. Os centros, os lugares de reunião da sociedade eram dois: um determinado restaurante ou o respeitável hotel X — conforme a festa era uma orgia vazia de ideias, ou uma sessão casta, masculina, artística da Sociedade Gastronómica de Berlim. Quanto à primeira, é impossível tentar descrevê-la; não é sequer possível uma sugestão que não toque as raias da indecência, pois Prosit não era normalmente grosseiro, era-o anormalmente; a sua influência baixava o objectivo dos mais baixos desejos dos seus amigos. Quanto à Sociedade Gastronómica, essa era melhor; representava o lado espiritual das aspirações concretas daquele grupo.

Acabo de dizer que Prosit era grosseiro. É verdade: era grosseiro. A sua exuberância era grosseira, o seu humor manifestava-se grosseiramente. Informo-vos de tudo isto com cuidado. Não escrevo nem louvor nem calúnia. Estou a descrever uma personagem o mais rigorosamente que posso. Tal como o permite a visão do meu espírito, sigo os trilhos da verdade.

Mas Prosit era grosseiro, disso não há dúvida. Pois até mesmo na sociedade onde, por estar em contacto com elementos socialmente elevados, era às vezes forçado a conviver, não perdia grande coisa da sua brutalidade inata. Entregava-se a ela sem conscientemente. As suas piadas nem sempre eram inofensivas ou agradáveis; eram quase todas grosseiras, embora, para os que eram capazes de apreciar o essencial de tais exhibições, fossem suficientemente divertidas, suficientemente espirituosas, suficientemente bem imaginadas.

O melhor aspecto desta falta de educação era o seu carácter impulsivo, o seu ardor. Pois o Presidente empenhava-se com ardor em todas as coisas em que se metia, especialmente empreendimentos culinários e problemas amorosos; nos primeiros era um poeta do sabor, com uma inspiração que aumentava de dia para dia; nos outros, a baixeza de carácter revelava-se sempre no seu aspecto mais horrível. Contudo, não se podia duvidar do seu ardor, tal como da impulsividade da sua alegria. Arrastava os outros pela violência da sua energia, insuflava-lhes ardor, fortalecia-lhes os impulsos sem dar por que o fazia. Mas o seu ardor era para ele próprio, era uma necessidade orgânica; não tinha por objectivo uma relação com o mundo exterior. É verdade que este ardor não se aguentava muito tempo; mas, enquanto durava, a sua influência era um exemplo, embora inconsciente, era imensa.

Mas note-se que, se o Presidente era ardente, impulsivo, no fundo grosseiro e rude, era todavia um homem que nunca se zangava. Nunca. Ninguém conseguia enfurecê-lo. Além disso, estava sempre disposto a agradecer, sempre pronto a evitar uma discussão. Parecia estar sempre desejoso de que as pessoas se dessem bem com ele. Era curioso observar como reprimia a sua ira, como a dominava com uma firmeza que ninguém julgaria existir nele, muito menos quem o conhecia como sendo impulsivo e ardente, os seus amigos mais íntimos.

Creio que era sobretudo devido a isto que Prosit era tão apreciado. De facto, talvez levando em consideração que ele era grosseiro, brutal, impulsivo, mas nunca se portava com brutalidade por razões de fúria ou agressividade, nunca era impulsivo por zanga — talvez que nós, tomando isto em conta inconscientemente, baseássemos nisto a sua amizade. Além disso, havia o facto de ele estar sempre pronto a agradecer e ser amável. Quanto à sua grosseria, entre homens isso tinha pouca importância, pois o Presidente era um bom companheiro.

É óbvio, portanto, e agora, que o atractivo (por assim dizer) de Prosit residia nisto: não era susceptível à fúria, desejava sinceramente agradecer, havia um fascínio especial na sua exuberância